

---

**Rocha Peixoto**

---

**OS CATAVENTOS**

---

**COM QUARENTA E SEIS ILLUSTRAÇÕES NO TEXTO**



**PORTO**

**IMPRESA PORTUGUESA**

**112—*Rua Formosa*—112**

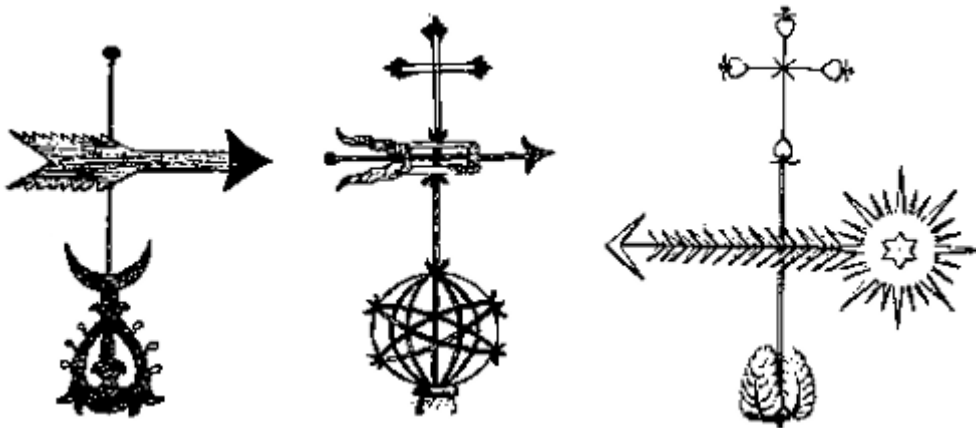
---

**1907**

## OS CATAVENTOS

Na meteorologia popular prognostica-se ácerca dos doze mezes do anno conforme os aspectos dos primeiros doze dias de janeiro; ou presume-se pelo vento que soprar á meia noire no dia da Senhora das Candeias, 2 de fevereiro, o vento dominante durante o resto do anno; ou conclue-se pela agitação atmospherica n'umas temporas d'onde prevalecerá o meteoro até ás seguintes; ou ainda mais restrictamente se avalia pelo vento do dia de S. Miguel, 29 de setembro, o estado do inverno que se approxima; ou, por ultimo, se infere da direcção observada á uma hora da tarde do dia da Senhora da Ascenção qual o vento estival de predominio. A verdade, porém, é que isto se caticina e mal se admite. Alguns adagios contradictam logo os prenuncios, pois

Quando deus Quando Deus  
queria, deus quer, com todos  
Do Norte chovia. os ventos chove. Vento e ventura,  
Pouco dura.



**Figs. 1 a 3**

De mais firmesa é a illação diaria tirada dos aspectos celestes, associados frequentemente a relações com a ondulação orographica local. «Vem ahi o trovão», diz-se no planalto de Barroso ao observarem-se as formas de certas nuvens e a orientação da sua marcha. E a trovoadá, ás vezes diaria no estio, em breve surge. No Soajo, formando-se ellas na portella de Tibo, apenas se «esbarram» em vento; mas levantando-se uns «penduricalhos» no rio, sitio do Cachão, e quando o castello da Nobrega «tem carapuça» irrompe a chuva. O mesmo succede em Castro Laboreiro quando as nuvens «fazem chapeu» lá para os montes do Gerez; e em Rebordãos, nas abas da serra da Nogueira, se «está o buraco tapado», ou sejam as nuvens ao nascente, a agoa é certa. Entretanto, como se diz no Soajo:

Chuvas de verão,  
É como amores em vão.

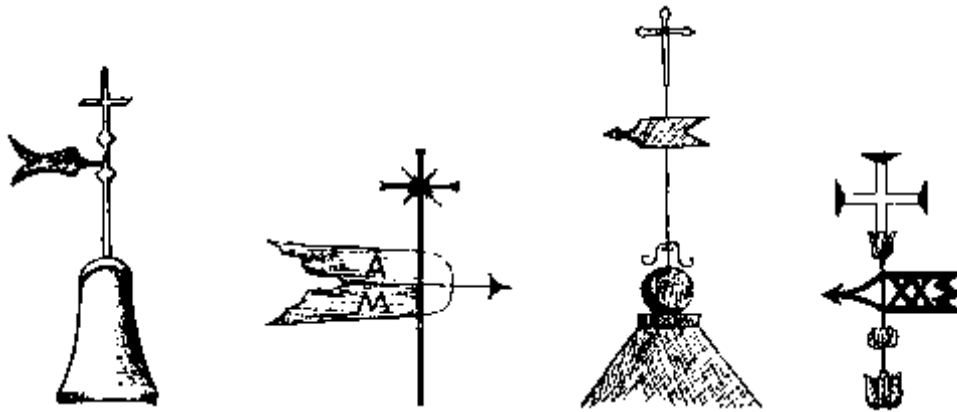
A «maré pica de cima» ou a «maré pica de baixo» são as formulas com que ordinariamente se distinguem os ventos norte e sul que anunciam bom ou mau tempo. [4] Todavia, e em regra, quando o vento do sul é forte, a chuva não se prolonga tanto como se é mais brando do mesmo quadrante (Castro Laboreiro).

Outras previsões fundamentadas em varios aspectos de nuvens, do orvalho e circunstancias, logares e horas em que se mostra, de attitudes dos animaes e até da agoa das fontes, asseguram nevoeiro ou chuvas proximas, os trovões ou as nevadas.



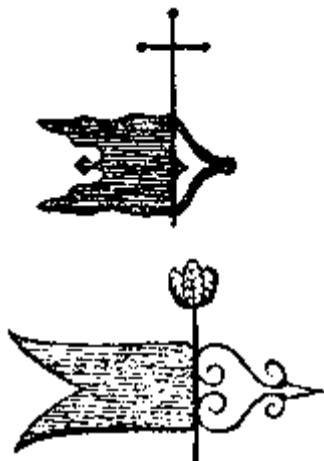
**Figs. 4 a 6**

E mais quando os trabalhadores seccam as mãos e não se agarram aos cabos das enxadas é signal de chuva, como é de trovoada, pela tarde, quando, na faina do centeio, a palha tem difficuldade em guardar o grão e se resente da humidade (Castro Laboreiro).



**Figs. 7 a 10**

Decerto que com alguns d'estes e outros prognosticos nem sempre condiz a realidade ulterior dos factos. Mas em muitos a experiencia assegura a certeza, tanta e precisa como a tem o aldeão, e o serrano principalmente, quando se orienta. Assim, pelos cumes dos montes descobertos se guiam, como pela altura do sol calculam a hora e ainda pela direcção e extensão da sombra (Barroso). Depois do dia governa-os o sete-estrello e por elle sabem se a noite vae alta (Nogueira, Barroso, Laboreiro). Se pela tarde, emtanto, ha muito nevoeiro, é o orvalho que os esclarece sobre a approximação da noite. «Já lóze o orvalho», isto é, já luz e portanto a noite chega (Castro Laboreiro). Só quando o *camasso* ou camada de neve é tal que tudo é branco (Barroso) os mais sabidos se perdem nos caminhos; os homens enterram-se até aos joelhos; os gados [5] não podem marchar, sequer para irem beber; e, na serra das Alturas, não é possivel mesmo sahir por um e por dois mezes.



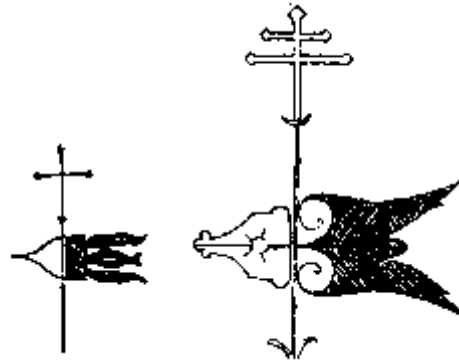
**Figs. 11 a 12**

Ainda outro impedimento de orientação, mas mais ephemero, vem com a nevoa. Ha a esperar que se dissipe. E entretanto afugentam-a com esconjuros, com formulas rimadas. Em Meirinhos, no concelho de Mogadouro, os rapazes, quando pela manhã a olham, increpam-a e mandam-a para a Villariça:

Névoínha peidorreira,  
Vae para os cantos da ribeira,  
Que está lá uma porca parida com leitões.

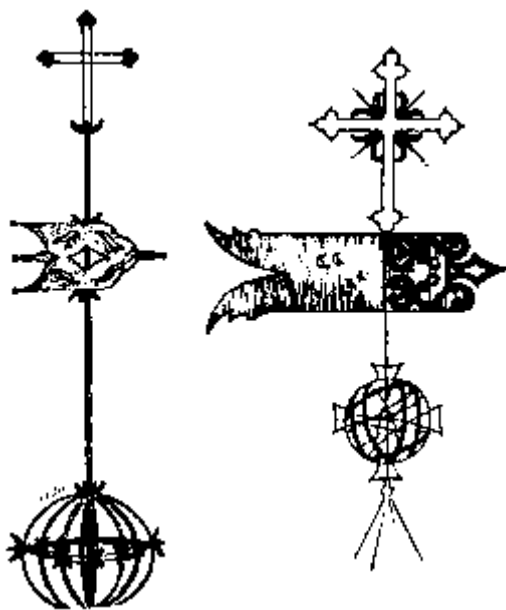
Come-lhe os leitões,  
E manda a porca para os berrões.

As grimpas, emtanto, sempre que as ha, são naturalmente observadas, uma vez que este simples aparelho, limitado frequentemente a uma bandeirola movendo-se em torno d'um eixo vertical, indica a direcção do vento e, derivativamente, certos estados atmosphericos. Rara é a torre que não remata em veleta. De dia, pois, e sem nevoa, a freguesia tem na séde o instrumento que logo a elucida, mais ou menos grosseiramente, sobre o tempo provavel.



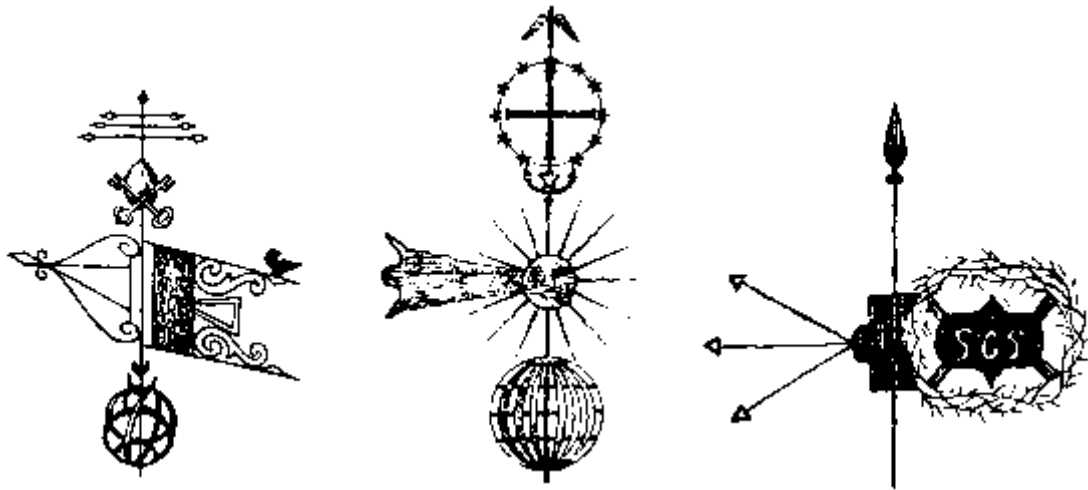
**Figs. 13 a 14**

Este aparelho, a um tempo orientador e ornamental, procede da alta idade-media tendo sido a principio um signal de nobresa<sup>[1]</sup> e portanto um privilegio senhorial<sup>[2]</sup>. Além das edificações nobilitarias, só tinham direito a exhibil-as as construções ecclesiasticas. De sorte que figuravam muitas vezes as armas do mosteiro e do senhor em recorte na chapa, pintadas ainda e douradas, ou outros symbolos da heraldica, como corôas e leões rompantes. Nos seculos XIV e XV as grimpas convertem-se em verdadeiros ornamentos. E como desde os fins do seculo XI a torre, depois de ter sido uma fortificação que protegia a igreja, comece a prestar-se ás funcções se multipliquem com uma liberdade cheia de phantasia, tornando-se um poderoso instrumento de decoração e de orgulho para cathedraes e mosteiros<sup>[3]</sup>, [6] as proprias ornamentações dos remates mais se acuminam e alindam. Umas vezes a decoração exclue a ventoínha e apenas consiste em combinações de folhas e flores, aves e outra fauna de imaginação, figuras humanas e cupidos, de loiça, ferro, chumbo ou

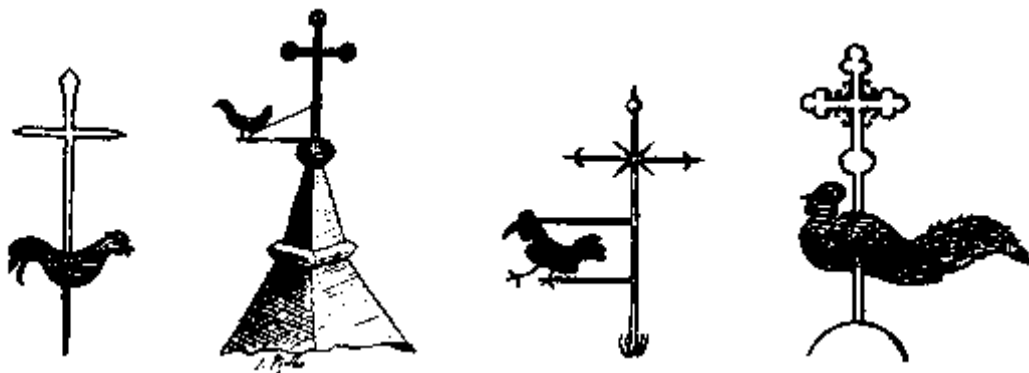


**Figs. 15 a 16**

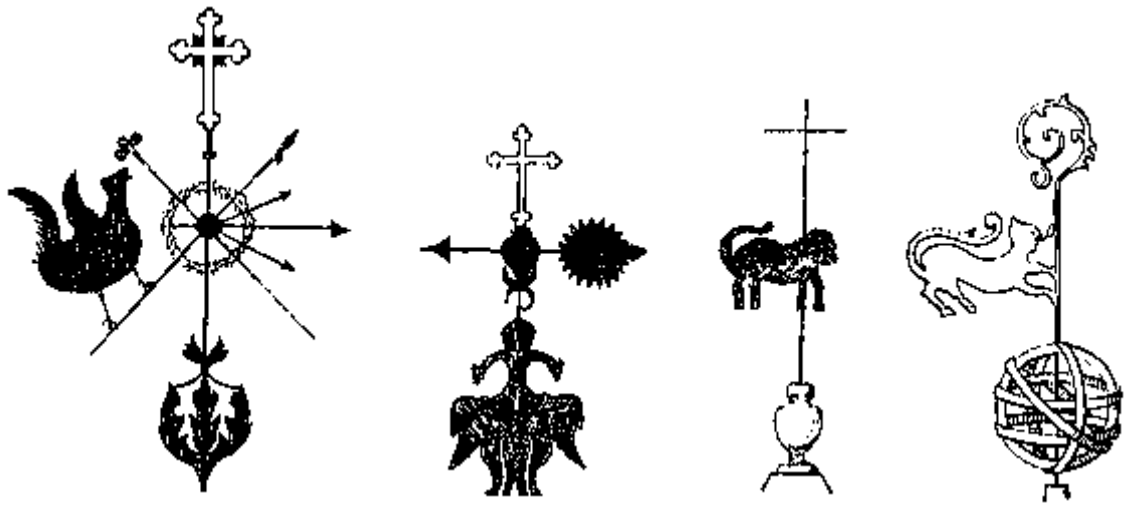
zinto e do mesmo passo notaveis pela beleza de execucao e graça<sup>[4]</sup>. É a estes ornamentos em ponta que correspondem, nos monumentos arabes, as terminações aceradas que um crescente fecha<sup>[5]</sup>. As mais das vezes, porém a veleta aparece sob a forma de monstros alados, dragões e animaes phantasticos<sup>[6]</sup>, do archanjo S. Miguel, anjos e navios<sup>[7]</sup>, do gallo principalmente<sup>[8]</sup>, tudo mais ou menos historiado <sup>[7]</sup> e até, da Renascença ao seculo XVII, com a assignatura ou inspiração d'um artista emerito<sup>[9]</sup>.



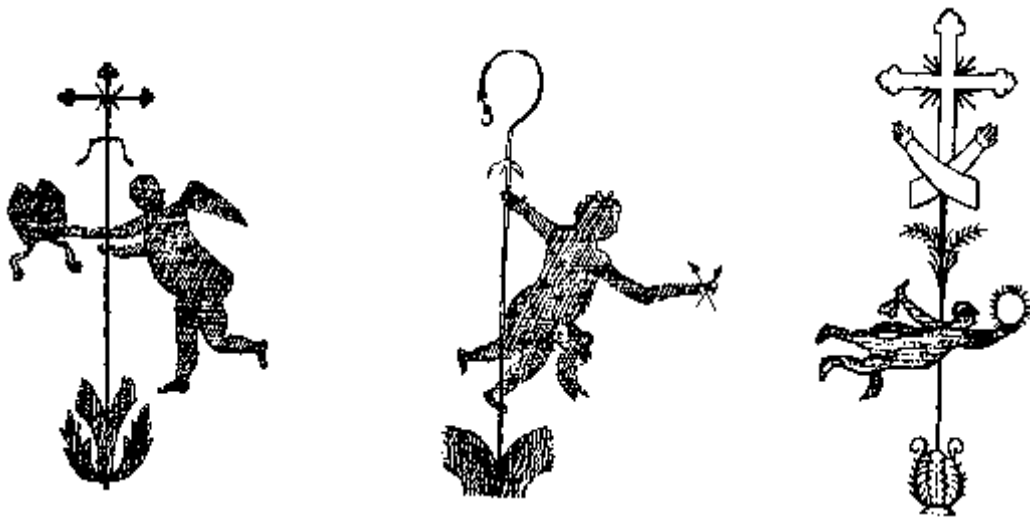
**Figs. 17 a 19**



**Figs. 20 a 23**

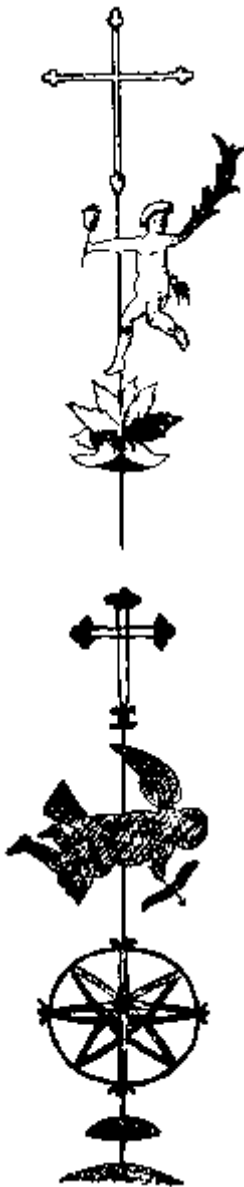


**Figs. 24 a 27**

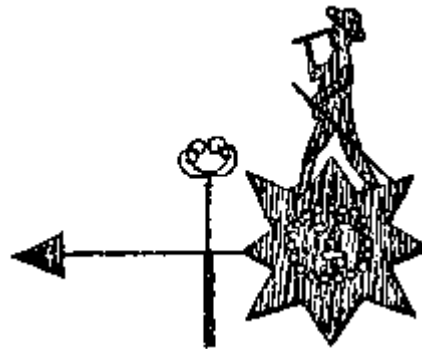


**Figs. 28 e 29**

A serralheria portuguesa concorreu também, com a humildade característica da indústria popular nacional, para a indigente ornamentação dos acúmes das torres e, mais restrictamente, de castellos, de pharoes, de pelourinhos (Rates), de chafarizes (Barcellos), de moínhos, de telhados, de chaminés (Alemtejo) e até d'um mastro ou varo ao alto, em campos e quintaes. Dominam, todavia, as de ferro nas egrejas. A flecha, designadamente adstricta a indicar o rumo do vento, é simples, associada a folhagens, á cruz e á esfera armillar, recortada outras vezes e até modificada na sua configuração habitual, substituindo-se por um sol a massa posterior e mais pesada. São exemplos as que se vêem em muitas habitações particulares ([fig. 1](#)), a do convento dos dominicos de Amarante ([fig. 2](#)) e a do santuario da Senhora da Abbadia ([fig. 3](#)). [8]



**Figs. 30 e 31**

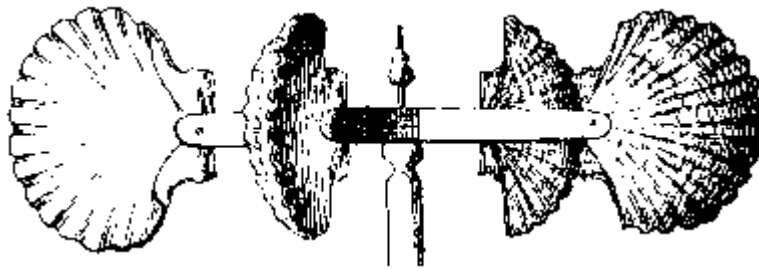


**Fig. 32**

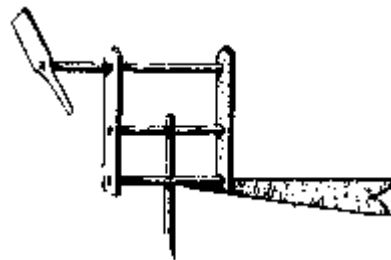
A combinação da bandeirola e da flecha é patente na igreja de S. Victor, em Braga ([fig. 4](#)), pois a bandeira apenas, como as de Santo Thyrso, de Moreira da Maia, de Santo Ildefonso, no Porto, da Alcaçova, em Montemór-o-Velho, de Travanca ([fig. 5](#)) e da capella do Bom Despacho, em Ancêde ([fig. 6](#)), são menos communs na singelesa dos seus breves recortes. A regra é accusarem a suggestão da flecha, como a do pelourinho de Rates ([fig. 7](#)), a do Carmo de Braga ([fig. 8](#)), a da capella da Senhora da Graça de Villa Cahiz ([fig. 9](#)) e a do mosteiro de Refojos do Lima ([fig. 10](#)). E a desfiguração d'esse elemento sempre transparece, aliás, em exemplares como a da casa particular do Trasladario, nos Arcos de Val de Vez ([fig. 11](#)), ess'outra



dos Arcos ([fig. 12](#)), a de Santo Antonio dos Frades, em Ponte do Lima ([fig. 13](#)), a do Populo, em Braga ([fig. 14](#)), a da Misericordia de Amarante ([fig. 15](#)) e a da matriz de Ancêde, em Baião ([fig. 16](#)). Com os mesmos accessorios da cruz e da esfera armillar, mas mais historiadas e accrescidas, são as da igreja do Espirito Santo, nos Arcos de Val de Vez ([fig. 17](#)), e a da capella de S. João do Souto, em Braga ([fig. 18](#))<sup>[10]</sup>. A do Oratorio da Senhora da Saude das Carvalheiras, n'esta ultima cidade ([fig. 19](#)), é apenas uma interessante substituição pelos cravos e a corôa de espinhos.



**Fig. 33**



**Fig. 34**

Tam frequente é ainda o gallo, symbolo da vigilancia, vulgarissimo nas torres das numerosas igrejas christãs<sup>[11]</sup>, e já empregado de datas longinquas<sup>[12]</sup>. Alguns mesmo assumiam proporções grandiosas: o da torre da Ajuda, cuja veleta de bronze attingia 31 palmos de alto, media 18 do bico á cauda<sup>[13]</sup>! Nas casas particulares ou seus annexos [9] ([fig. 20](#)), em Cedofeita e Carmo, no Porto, nas matrises da Trofa, de Ponte do Lima, da Campeã ([fig. 21](#)) e de Castro Laboreiro ([fig. 22](#)), na igreja da Senhora das Dôres, da Povia de Varzim ([fig. 23](#)), na Lapa, em Braga ([fig. 24](#)) e em outras e innumeraveis torres e campanarios, o gallo apparece, ou associado simplesmente á cruz ou a folhagens e emblemas ornamentaes. Outras aves raramente pretextarão o ornato accessorio das grimpas, como o caso das duas geminadas no Seminario de Braga ([fig. 25](#)), ou então o papel exclusivamente decorativo do

admiravel pelicano de bronze da Sé de Vizeu, inicialmente estante de côro, e durante muito tempo adaptado, depois de mutilado, a uma torre da cathedral, por cima do sino do relógio<sup>[14]</sup>!

Da fauna ha ainda os peixes, principalmente nas povoações da beira-mar (Mattosinhos, Santa Cruz do Bispo, Lavra, etc.), os leões mais ou menos barbaros como o da igreja de Pico de Regalados ([fig. 26](#)) e os dragos da fauna mythica, como o do mosteiro de Santa Maria de Bouro ([fig. 27](#)), já de remota concepção e uso<sup>[15]</sup>.



Fig. 35

A iconographia dos anjos é mais vasta e variada em pormenores. Vêem-se com a mitra e o baculo no hospital de S. Marcos de Braga ([fig. 28](#)), com o calice em Guimarães, com o sol na matriz de Fão e na igreja de S. Francisco, em Ponte do Lima ([fig. 29](#)), com a tuba em S. Bento, no Porto, e em S. Martinho de Gallegos, junto a Barcellos, com outros emblemas em S. Paio, nos Arcos ([fig. 30](#)), com arco e setta na igreja de S. Domingos, em Amarante ([fig. 31](#)), com a espada em Guimarães e no santuario do Allivio, em Soutello, e com o gladio ondeante na matriz de Monsão. Este motivo decoral, de execução mais difficil, é tambem dos mais generalizados nos templos christãos; e occorre lembrar o celebre *anjo de ouro* do campanario de S. Marcos, em Veneza, esculptura de madeira de 5 metros de alto, revestida de chapas de bronze dourado e inaugurada solemnemente como catavento no primeiro quartel do seculo XVI<sup>[16]</sup>.

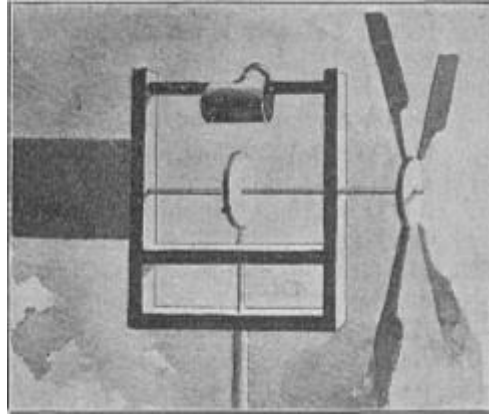


Fig. 37

Veem por ultimo, e d'ordinario na habitação privada, outras figuras

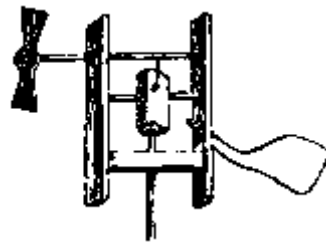


Fig. 36

alheias aos temas convencionaes, como o homem sobre um sol e que consulta os astros, n'uma casa da Povia de Varzim ([fig. 32](#)), o homem que [10] maneja um alfange, o miliciano que aponta uma espingarda, o cavalleiro que galopa, o cavalleiro que peleja (Povia de Lanhoso), outras mais.

De toda esta obra de serralheria só excepcionalmente se aparta uma grimpa mas interessante de concepção e realização, como as já alludidas de S. João do Souto, de Monsão e de Bouro e ainda a agradavel cruz ornamentada de Santa Eugenia de Rio Côvo, perto de Barcellos. No norte, como no sul<sup>[17]</sup>, as veletas e outra obra artistica de ferro manifestam vivamente a subalternidade portuguesa ante a sumptuosa variedade e merito artistico da obra similar hespanhola.

Entretanto não se limitam ás grimpas os pequenos instrumentos de engenho popular accionados pelas correntes aereas.

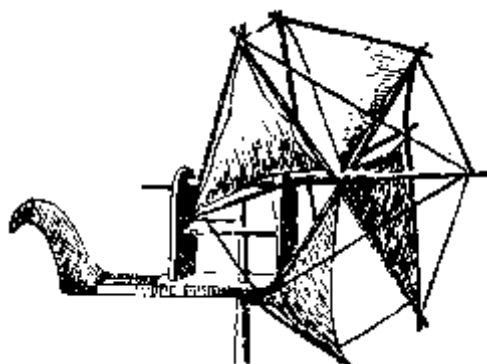


Fig. 38

Ha-os que são exclusivamente decorativos; outros destinam-se a afugentar as aves que assaltam os fructos; outros ainda são ventoínhas reguladoras, mais ou menos. Um muito interessante pela simplicidade, graça e utilização d'um recurso commum e local é a especie de anemometro executado com duas varas em cruz, rematando cada extremidade com a valva concava d'um lamellibranchio do Gen. *Pecten*, o *P. maximus*, L. ([fig. 33](#)). Usam-o em varias freguesias do concelho da Povos de Varzim, como Amorim (Abremar), Beiriz e Terroso, dando assim ás conchas uma das varias applicações, ou ornamentaes ou utilitarias, já conhecidas<sup>[18]</sup>.

Na mesma região até uma canna, com um velho retalho de sola figurando de bandeira, serve de catavento. O modelo, porém, mais geral é o denominado *ventiêla* ([fig. 34](#)) commum não só em todo o concelho, mas ainda n'outros e com ligeiras alterações constructivas, como em Bouças, por exemplo ([fig. 35](#)).

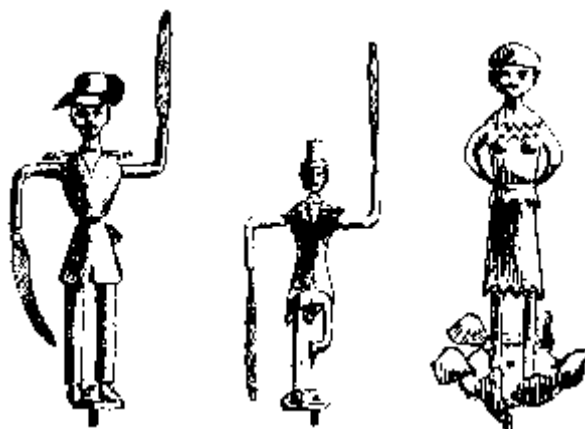


Fig. 39 a 41

Annexando á ventielá uma velha vasilha de folha de ferro e duas pedritas suspensas por fios do eixo movel, de sorte a percutirem repetidamente a lata quando o aparelho está em movimento, temos o catavento, *corta-vento* ou *bate-bate* que afugenta a passarda das figueiras e das vinhas. É a *taraméla* de Ponte do Lima ([fig. 36](#)), a *tarabella* de Lindoso e Miranda, a *cacaréla* de Melgaço, o *ratatau* e *catraméla* de Santa Martha de Penaguião, a *ralhadeira* do Soajo, o *batedor* de Barroso, o *rigibó* ou *ruge-ruge* de Cabeceiras e do Arco de Baúlhe ([fig. 37](#)), um modelo geral, emfim, com estas designações ou outras, empregado em quasi todo o paiz para semelhante destino—como, para a defesa dos ervilhaes, o casaco, as calças e chapeu velhos suspensos de dois paus em cruz e formando o geralmente denominado *espantalho*.

[11] A designação barrosã de *batedor* applica-se, aliás, em Lindoso a outro engenho com intuitos semelhantes, ou sejam de espantar a *beadilha*—bichos bravos, como o texugo e a raposa—mas em que o vento não interfere. É uma caixa de madeira disposta sob um veio de agoa que vem d'alto.



Fig. 42

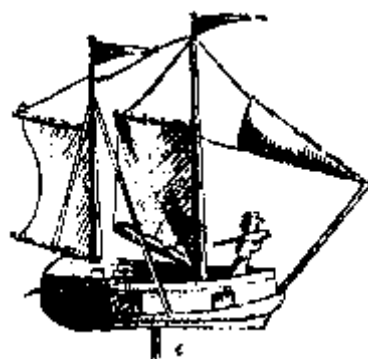


Fig. 43

Ao fundo adiciona-se-lhe uma longa taboa que remata por um mascôto e cujo peso, quando a caixa está vazia, inclina esta para a frente. Enchendo-se de fluído, o recinto então pesa mais, ergue-se veloz e logo verte e se esvasia. Volve, pois, á posição inicial, isto é, inclinando-se para o lado do mascôto; e ao voltar este bate rijamente n'uma taboa subjacente. São estas pancadas successivas e espaçadas que amedrontam e afastam a bicharia.

A intenção ornamental determina a adopção d'outros brinquedos em que do vento apenas se deseja motricidade, sem nada inquirir do rumo em que caminha. São as flammulas e bandeiras dos *coruchos* ou cupulas das moreias (Ponte da Barca, Barcelos, etc.), associadas frequentemente a cruzes floreadas, a estrellas, a arcos de festas, e ás vezes mesmo ao pucaro invertido que corôa as mêdas (Maia, Bouças, Porto, etc.); são as reduções dos moínhos de vento ([fig. 38](#)) com os mesmos pannos e varaes, em logares, como Laundos e Terroso, no

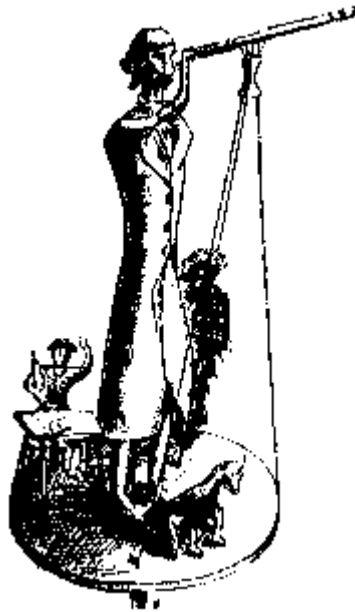


Fig. 44



Fig. 45

concelho da Povia de Varzim, onde funcionam estas rudimentares estancias de moagem; são os curiosos bonecos de madeira que se veem nas hortas, jardins e campos desde Barcellos e Povia de Varzim até á Maia e parte do concelho de Bouças. O exame das figuras, todas pintadas a côres vivas, logo indica como se effectua o andamento (figs. [39](#) a [42](#)). Outr'ora, em Azurara, raro era o quintal que não possuía uma ventoinha figurada, em regra esculpida por marujos em descanço. E em alguns casos, que hoje só por acaso se observam na area dita, em vez d'uma figura havia muitas, peões e cavalleiros batalhando sobre uma circumferencia com cerca d'um metro de diametro.

Ainda um barco, com a cordoalha de arame e as vélas de tecido de algodão ([fig. 43](#)) estava organizado e orientado de sorte (Povia de Varzim) a realizar movimentos que imitavam [12] a marcha d'uma nave. Mas já outra esculptura immovel, do mesmo habilidoso, apenas manifestava, a seu modo, um symbolismo: era um *saragoçano* em face do tripé que sustentava o oculo de alcance e inquirição; á frente o cão fiel; a um lado um anjo inspirador, sustentando nas mãos os astros sobre cuja influencia incidiam as observações do astrologo, atraz, e a uma meza, o secretario que registava as observações e os algarismos (figs. [44](#) e [45](#)).



**Fig. 46**

Como arte popular esta esulptura lembra os brutescos que os ceramistas de Aveiro fabricavam para ornamento dos telhados. Apenas os esculpidos e levantados para ventoínhas teem sobre aquelles o interesse do movimento.

Ora nem só as creanças, com os seus *corrupios* e *gregorios* ([fig. 46](#)), se apropriam do vento como agente do brinquedo: tambem o homem, independentemente da utilidade orientadora do engenho, edifica grimpas e cataventos que o mesmo motor faz trabalhar para seu regalo esthetico—bem limitado, em verdade!

Porto. Janeiro, 1907.





## Notas:

[1] VIOLLET-LE-DUC, *Dict. raisonné de l'architecture française du X au XVI siècle*, VI, voc. *Girouette*, pags. 28-9. Bauce ed. Paris, 1863.

[2] CAMILLE ENLART, *Manuel d'archéologie française depuis les temps mérovingiens jusqu'à la Renaissance*, II, *Architecture civile et militaire*, pag. 177. A. Picard ed. Paris. 1904.

[3] LOUIS GONSE, *L'art gothique*, pags. 110-1. Quantin ed. Paris, s. d.—ANDRÉ MICHEL, *Histoire de l'Art*, capitulo de CAMILLE ENLART, *L'architecture romane*, I, 2.<sup>a</sup> parte, pags. 450-2. A. Colin ed. Paris, 1905.

[4] HENRY HAVARD, *Dict. de l'ameublement et de la décoration depuis le XIII<sup>e</sup> siècle jusqu'à nos jours*, II, voc. *Épi*, pags. 503-4 e figs. 339 a 342. Quantin ed. Paris, s. d.—VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., V, mesmo voc., pags. 271-87.

[5] PRISSE D'AVENNES, *L'art arabe d'après les monuments du Kaire*. Morel & C.<sup>ie</sup> eds. Paris, 1877.

[6] HAVARD, ob. cit., voc. *Girouette*, pag. 1099.—VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. 427.

[7] ENLART, *Manuel* cit., pag. cit.

[8] VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. cit., e voc. *Coq*, pags. 305-6.

[9] HAVARD, ob. cit., voc. *Girouette*, pag. 1100.

[10] Pela distancia e situação do desenhista em relação ao objecto esboçado, algumas das grimpas figuradas não apresentam o rigor de perspectiva nem a minucia de pormenor que os embaraços acusados explicam.

[11] VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Coq*, pag. 306.—PAUL SÉBILLOT, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions de tous de pays*, pag. 383. Rothschild ed. Paris, 1894.

[12] VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., VI, voc. *Croix*, pag. 432.

[13] RIBEIRO GUIMARÃES, *Summario de varia historia*, V, pag. 175. Rolland & Semiond eds. Lisboa, 1875.

[14] FILIPPE SIMÕES, *A Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa*, pag. 78. Typ. Universal. Lisboa, 1882.

[15] HAVARD, ob. cit., II, voc. *Girouette*, pag. 1099.—ENLART, *Manuel* cit., II, pag. 177.

[16] GABRIEL PEREIRA, *O Campanario de S. Marcos*, in *Bol. da R. Assoc. dos architectos civis e archeologos portuguezes*, serie IV, fasc. 5.º, pag. 32. Lisboa, 1902.

[17] GABRIEL PEREIRA, *Estudos eborenses*, fasc. VII, pag. 25. Minerva eborensis. Evora, 1886.

[18] ROCHA PEIXOTO, *Notas sobre a malacologia popular*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, I, pags. 75-90. Porto, 1890.